



**AS CHARGES E A NARRATIVA SOBRE A POLÍTICA: AS CRISES POLÍTICAS
DO GOVERNO DILMA ROUSSEFF REPRESENTADOS NA FOLHA DE S.
PAULO**

GT14: Discurso e Comunicação

*Lilian Carla Muneiro

Prof.^a Dr^a Comunicação e Semiótica

UFRN – Brasil

lilianmuneiro@gmail.com

*Merilyn Escobar de Oliveira

Doutoranda em Ciências Sociais

PUC-SP – Brasil

Email: merilynescobar@uol.com.br

Resumo

As charges jornalísticas tem por objetivo representar elementos da nossa realidade pelo viés do humor e da crítica sobre um determinado acontecimento. No presente artigo pretende-se analisar como as charges representam a vida política brasileira, num momento determinado: as crises políticas do governo da presidente Dilma Rousseff (PT). A análise das charges publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, de 2011 a 2013, nos permite resgatar e interpretar fragmentos históricos da referida gestão. Para esta comunicação levamos em conta a figuratividade, os apontamentos políticos e a narratividade que revela várias tematizações entre elas: Dilma “faxineira” em função das exonerações de ministros, em 2011, “envolta à corrupção” em 2012, e “arrasada” - reflexo das

manifestações deste ano. Para verticalizar o enfoque, nos valem dos apontamentos da semiótica greimasiana e da teoria da espacialidade para entendermos o conteúdo da vida política.

Palavras - chave: comunicação, política, imaginário, espacialidade, semiótica.

As charges e a política

Fruto da efervescência política e social ocorrida durante as lutas sociais da Revolução Francesa no século XVIII, as charges ganharam popularidade e espaço nos jornais a partir dos avanços nos processos de reprodução gráfica ocorridas no século seguinte. Migraram para outros suportes mediáticos como: as revistas, a televisão e a Internet. O gênero tem atraído novos leitores principalmente nos canais interativos da Internet, sobretudo nas redes sociais, que disseminam os chamados “memes” de políticos e sobre o universo da política.

No Brasil, a charge chegou de fato com a criação da Imprensa Régia em 1808. Na época, os jornais oficiais tinham como objetivo a publicação de atos normativos e administrativos do governo. No entanto, com a criação dos jornais *A Gazeta do Rio de Janeiro* e *O Correio Brasiliense*, seguido de outros jornais e revistas ilustradas, os desenhos, as gravuras e as caricaturas ganharam força no contexto jornalístico de tal modo que as charges passaram a fazer parte das publicações.

Vale pontuarmos que as charges estão dispostas em lugares estratégicos, dividindo espaço com editoriais e outros textos que seguem preceitos jornalísticos. Podem ser articuladas com elementos gráficos chamativos ou efeitos de impacto, técnicas e cores vivas que contribuem para captar a atenção do leitor. Sendo assim, o produto final quase sempre dialoga com um texto opinativo.

Desde seus primórdios as charges fazem referência ao universo da política, de forma caricata e exagerada. É também flagrante os traços distorcidos, fantasmagóricos ou monstruosos com o objetivo de apresentar um fato por meio de um enunciado conciso, de fácil compreensão e que, ao mesmo tempo, seja capaz de dialogar/remeter o leitor a um assunto ou temática presente na agenda pública do momento.

As charges - as histórias em quadrinhos, os cartuns e os “memes” – constituem-se em um suporte visual imagético composto por plano de expressão e de conteúdo. No caso das charges, embora as palavras sejam um componente importante na transmissão da mensagem, a escolha/elaboração das imagens são vitais para que o enunciado apresentado possa ser interpretado. Por isso, a universalidade dos elementos figurativos é privilegiada nas imagens, quase sempre exibidas com a intenção de apreender a atenção do leitor/ enunciatário para a cena apresentada.

O emprego dos estereótipos, e dos símbolos é bastante comum nas charges. A bandeira nacional exibida no chão pode propalar severa crítica ao regime democrático. A escolha das vestimentas é determinante para a identidade das personagens de tal sorte que, associadas ao contexto da obra, pode revelar ou simular o caráter (*ethos*), a força/fraqueza, profissão e ser determinante para a apreensão do sentido do texto.

Entendemos a charge como suporte através do qual os chargistas comunicam a mensagem ou conteúdo de cunho opinativo. As histórias são usadas para abordar eventos segundo uma determinada perspectiva. Nelas são recorrentes os dramas, os medos, a comédia, os problemas sociais, a propalação de ideias ou de fantasias presentes no imaginário coletivo.

Na imprensa ocidental a charge pode ter o peso de um editorial, pois é capaz de traduzir ou reforçar o pensamento do jornal que a publica. Para José Marques de Melo, a charge é uma expressão do humor e da crítica feitas por meio da caricatura de um fato ou acontecimento da vida real:

Sua variedade humorística advém do real, da apreensão de facetas ou instantes que traduzem o ritmo de vida da sociedade, que flagram as expressões mais hilariantes do cotidiano. Sua intenção é representar o real criticando-o. A caricatura reproduz a imagem isolada dos personagens vivos da cena noticiosa. A charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento. Ambas as espécies só adquirem sentido no espaço jornalístico, porque se nutrem dos símbolos e valores que fluem permanentemente e estão sintonizados com o comportamento coletivo. (MELO,1994, p.124)

Sabe-se que as charges podem evocar o imaginário do leitor, auxiliar na interpretação de fatos e recontar, a seu modo, a nossa história. Podemos entender a charge como um texto que utiliza a linguagem verbal e não-verbal nos trazendo assim a informação e a produção de sentidos pela imagem.

A imagem tem o poder de ativar nossa memória social, nos remetendo a outro lugar, a outro momento da história, evocando por meio da repetição o reconhecimento da imagem em questão. Este recurso é muito utilizado nas charges que representam o universo da política, uma vez que, se repetem os símbolos, as analogias, as paródias, os discursos, o imaginário, os temas e figuras ligados ao fenômeno da corrupção.

Deste modo, o passado pode ser recriado nas charges a partir de novos formatos e adaptações ao novo evento, com a finalidade de produzir efeitos de sentido que pressupõem a referência à cultura, à sociedade, à história e à memória coletiva. Talvez por isso, o tema da corrupção e políticos desonestos estejam sempre na pauta.

No caso da política, as charges sempre tiveram muita popularidade pela facilidade de acesso, de compreensão, de leitura rápida, e informação para uma parcela da população que nem sempre está interessada pela leitura do texto opinativo. Nas charges que abordam o conteúdo do universo da política, a crítica é fundamental para o questionamento da ordem vigente, revelando assim os conflitos, as estratégias, os arranjos políticos, as mazelas e as ambiguidades da disputa pelo poder. Sendo frequente a associação do humor com imagens que chocam ou até mesmo a agressividade verbal com efeito de crítica e ofensa. Assim, ridicularizar pelo humor acaba por fazer cumprir o desejo da população em manifestar sua opinião e descrédito quanto ao político ali representado.

De acordo com Edson Carlos Romualdo (2000), a charge é uma modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações, diferenciada pelo humor: "...é que através do humor a charge faz uma reflexão, que reproduz sujeitos reais e resume conflitos que envolvem a política". (ROMUALDO, 2000,p. 05)

As charges se apresentam como uma forma singular de leitura. Há uma espécie de resgate de um descompasso oriundo do cotidiano já que o gênero não pode ser entendido como veículo de simples transposição da realidade, e nem ambiciona ser. O chargista, ao elaborar o seu texto, nos apresenta uma imagem endereçada, que não tem a função de cópia do cotidiano, ou mimese, mas de

expor um retrato com força capaz de gerar uma identidade comum que reporte o leitor ao fato/acometimento na perspectiva que deseja mostrar.

O sentido viria da decodificação da imagem, da inferência realizada em torno da diferença entre o que se vive no cotidiano e o que a charge apresenta. Teixeira enfatiza que a identidade do sujeito, enquanto leitor da charge:

“é produto da fissura no real e da ruptura com a razão, possibilitando a construção de um personagem marcado por uma diferença em relação ao sujeito, que se torna transparente e verdadeiro o que, antes, permanecia oculto. Essa relação entre os dois, além do real e fora da razão, identifica com veracidade – mas sem verossimilhança – um com o outro e um no outro. (TEIXEIRA, 2005:p. 76)

Segundo o autor, a função do sentido na charge é produzir “identidade por diferença”. (Teixeira, 2005, p. 75). Essa diferença produzida pelo chargista e apresentada na charge é capaz de evocar o imaginário do leitor para efetiva intelecção do que lhe é proposto. Para isto, a imagem emerge como memória de uma experiência comum que evocam ou remetem a realidade.

A análise que apresentamos abrange as charges publicadas na *Folha de S. Paulo*, no período de 2011 a 2013. Tenciona-se responder a seguinte questão: Como as crises políticas que eclodiram durante o governo da presidente Dilma Rousseff (PT) foram representadas nas charges? Com base nos ensinamentos deixados pela Semiótica Greimasiana analisamos as isotopias apresentadas e chegamos a três tematizações no âmbito da política que julgamos cruciais no governo de Dilma Rousseff (PT): “Dilma faxineira”, em função das exonerações dos ministros, em

2011, “envolta à corrupção” em 2012 e “arrasada” como reflexo das manifestações ocorridas em 2013.

Em nossa análise também envolvemos a teoria da espacialidade, proposta por Lucrécia Ferrara (2008), que a caracteriza como fenômeno de mediação entre manifestações comunicativas que “... ultrapassa a simples relação comunicativa que atua como canal de intersubjetividade e sociabilidade e se atinge a vinculação comunicativa que transforma suportes em meios de mediação” (Ferrara, 2008 p. 12). A espacialidade também abriga a comunicação e a cultura nas suas dimensões históricas sociais e cognitivas , trazendo à tona, no caso das charges, questões latentes à realidade política e nacional: a corrupção e o *modus operandi* da política

Semiótica, Espacialidade e Política

Para entender o fazer do chargista e também o papel atribuído ao leitor é preciso nos reportar a semiótica greimasiana mesmo que de forma breve. A charge é um texto que apresenta um enunciado que tem como produto a enunciação, instância mediadora entre o discurso e o contexto histórico¹. A enunciação carrega consigo temas, figuras, pessoas, espaço e tempo determinados e pode ser reconstruída a partir das pistas deixadas no discurso que constrói.

Através de sua análise também é possível descobrir o *ethos* do enunciador, no caso das charges o *ethos* dos chargistas - entendido como autor virtual do texto - o *ethos* do enunciatário, o leitor – também virtual, sempre instigado e convidado a aderir a mensagem apresentada e também os conectores isotópicos, importantes para auxiliar no entendimento da tematização. Vale destacar que a isotopia reitera

¹ Barros enfatiza que a enunciação também é a “instância de mediação entre as estruturas narrativas e discursivas” (Barros, 2005 p. 86).

o mesmo traço semântico (Fiorin, 2002) oferecendo ao leitor/ enunciatário um plano de leitura. É a partir da tematização da política que apresentaremos nossas considerações acerca das charges selecionadas. Antes, porém cabe destacar a espacialidade.

Em *Comunicação Espaço e Cultura*, Ferrara (2008) explica que a espacialidade cria uma teoria do espaço enquanto representação e, como comunicação, supõe o resgate das manifestações presentes nas suas constituições históricas.

As três categorias que compõem a espacialidade podem ser verificadas nas charges. São elas: construtibilidade (assinala consequências mentais e simbólicas), visualidade (construção sógnica) e comunicabilidade (relacionado a processos culturais). No *corpus* selecionado percebermos que a construtibilidade fomenta crítica ao cenário político deflagrando antigas mazelas que arrastamos governo após governo: a corrupção – que povoa o imaginário do leitor/eleitor, a falta de confiança nas instituições políticas e a morosidade do setor público.

De modo geral a comunicabilidade e a construtibilidade das charges demonstram que o enunciador reitera a ineficiência da gestão pública, realiza a crítica do *ethos* do político e das práticas desonestas do jogo político. As charges emergem assim como imaginários sociodiscursivos sobre o universo da política, ou seja, apresenta aos leitores um discurso que ganha potência de verdade por meio de imagens.

Faxina, Corrupção e Protestos

A atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff (PT) eleita em 2010, teve registrada nas charges as dificuldades em lidar com o jogo político: a base aliada e seus adversários, assim como, as denúncias de irregularidades e de corrupção na sua gestão. O primeiro ano de sua administração foi marcado por uma sucessão de

demissões na Esplanada dos Ministérios. Ao todo foram sete ministros afastados², seis demissões foram motivadas por denúncias de envolvimento em corrupção.

A sucessiva onda de denúncias/demissões em menos de sete meses alimentou a pauta do jornalismo político brasileiro e também acabou refletindo nas charges do segundo semestre do ano de 2011. Selecionamos como material de nossa análise as charges publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*, localizadas no Caderno Opinião ao lado dos editoriais, nos meses de julho a dezembro do referido ano.

As charges alimentaram a crítica e a exposição das questões políticas em períodos de crise, uma vez que, o gênero resume as situações e problemas vivenciados naquele momento de forma simples e concisa, já que, as charges tendem a captar os anseios da população.

Teixeira (2005, p.73-74) destaca que:

A charge resume situações políticas que a sociedade vive como problemas, e os recria com recursos gráficos que lhes são próprios. Essa economia de recursos que a caracteriza, isto é, o modo como sua linguagem se articula produtivamente, aponta para a negação da razão como doadora exclusiva de significado à realidade, e para a crítica da linguagem textual como instrumento privilegiado de seu sentido. A charge, de fato, propõe uma crítica da razão como

² Antonio Palocci (Casa Civil), Nelson Jobim (Defesa), Wagner Rossi (Agricultura), Alfredo Nascimento (Transportes), Pedro Novais (Turismo), Orlando Silva (Esportes) e Carlos Lupi (Trabalho) Segundo denúncia da Revista *Veja* (Ed. 2224, ano 44, nº 27 de 06/07/2011) na reportagem “*O mensalão do PR*”, publicou que políticos do PR (Partido da República) e servidores do ministério articularam um esquema superfaturamento de obras e cobranças de propinas de empreiteiras e empresas de consultoria ligadas aos órgãos Dnit (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes) e Valec Engenharia (estatal de obras ferroviárias). Quase dois meses depois, novas irregularidades foram apontadas nos Ministérios da Agricultura e do Turismo.

produtora única de “realidade”, da verdade como seu atributo exclusivo e da linguagem verbal como única instância capaz de expressá-la.

Vale reiterar que o processo discursivo e seus recursos simbólicos emergem como um conjunto de práticas que remetem ao imaginário e a memória coletiva, isto é, falam sobre a história daquela sociedade em particular como é o caso das charges no período analisado. Daquele período, duas temáticas foram bastante exploradas: a imagem da política associada à corrupção e da ética associada à limpeza, como podemos observar nas charges que seguem.



Charge 1: FSP 09/07/2011 – João Montanaro

Nesta primeira charge, assinada pelo artista João Montanaro em 09/07/2011, houve a preocupação de escrever o nome da presidente e reiterar o contexto: “*Dilma um retrato*”. Os políticos foram representados em traços de fúria e posturas ameaçadoras diante da personagem da presidente Dilma Rousseff – retraída, sozinha, sentada, de braços cruzados e com medo.

A performance de Dilma está comprometida diante da impossibilidade enfrentar, sozinha seus oponentes. O cromatismo ajuda a fomentar a atmosfera dramática. Há predominância das cores escuras que tornam o ambiente sombrio. As feições dos políticos são similares a animais em disputa, o que sugere o sentido de

conflito entre os políticos aliados e a imagem da presidente, isolada no meio desta disputa.

Nesta charge o enunciador, o chargista (virtual) tenciona despertar no leitor, seu enunciatório, o sentimento de empatia pela personagem “Dilma” propalando em seu trabalho a angústia expressa na retração da personagem.



Charge 2: FSP 14/08/2011 – Jean Galvão

Relacionando limpeza e corrupção, temos no segundo quadro a charge de Jean Galvão publicada na Folha em 14/08/2011. Além da referência à limpeza e à faxina, em função da roupa, e dos materiais de limpeza, a vassoura ganhou destaque. O objeto presente nos lares brasileiros há muito também foi relacionado com a política. Da mesma forma que não é a primeira vez que corrupção é associada a “sujeira”, “lixo” ou a animais como os ratos urbanos.

O emprego do vocábulo faxina não é recente. Com gradações, o termo já se fez parte nos pronunciamentos políticos, de coberturas jornalísticas e serve como trunfo aos editores que ainda insistem em manter a palavra presente em manchetes e títulos de matérias jornalísticas. Na realidade, a "faxina" no campo político pode ser entendida como desejo antigo dos brasileiros, nunca realizado, em banir, limpar a corrupção e os “males” da sociedade.

A construtibilidade da charge também nos reporta a volta ao passado. A vassoura foi relacionada ao universo político e também ao combate da corrupção. Ganhou expressão e êxito com a campanha eleitoral feita pelo então candidato a presidência da República Jânio da Silva Quadros na década de sessenta.

A construção sígnica e a comunicabilidade da charge tem a intenção de estabelecer vínculos entre a memória discursiva de um determinado momento histórico e a atualização dos temas atuais. De acordo com Maria Gregolin (2000, p. 17), “a construção de sentidos nos textos da mídia deve ser analisada por meio das relações entre um trajeto temático, sua materialidade textual e os movimentos de interpretação contemporânea do histórico”.

É o que percebemos em nossa análise, cujo conteúdo temático retoma pela memória discursiva, outros fatos e presidentes do Brasil, construindo sua opinião diante da crise política que se instaurou devido aos problemas de corrupção no governo petista.



Charge 3: FSP 18/09/2011 – Angeli

Os símbolos presentes nas charges remetem ao imaginário que temos do universo político. As charges jornalísticas assim como os textos dos editoriais utilizam-se desta estratégia para reforçar opinião, crítica, juízo de valor, ideia ou

representação da realidade. Com intuito de chamar a atenção do leitor, o tom polêmico e provocativo, o exagero e os estereótipos compõem as referências retiradas do senso comum e de elementos do nosso cotidiano, acabam assim por estruturar crenças e pontos de vistas vigentes na sociedade.

Na Charge 3 é possível perceber o apelo à empatia com o leitor na tentativa de que este se coloque no lugar da personagem e “sinta” a repulsa que tais animais peçonhentos podem causar. A enunciação deixa claro que a presidente sofre com uma “praga”. Trata-se de insetos dotados de performance. Não limitam-se a ficar na roupa da presidente, avançam em direção ao seu pescoço e rosto. Dilma é exibida com olhar horrorizado ao mesmo tempo em que está paralisada diante do que lhe acontece. Ela sofre a ação.

Apesar do aprimoramento da democracia e seus mecanismos de controle, a corrupção continua sendo uma prática frequente na política contemporânea. O descontentamento, a falta de confiabilidade e a insatisfação com as instituições políticas e seus atores é realimentada a cada novo escândalo de corrupção divulgado pelas mídias. Não seria novidade nenhuma representar a política contemporânea como algo que está sendo “corroído” por insetos, pragas e outros animais peçonhentos como sugere a charge de Angeli (18/09/2011).



Charge 4: FSP 017/09/2011 – João Montanaro

Seguindo a mesma linha, a charge acima retrata os políticos e o ‘fazer política’ a partir da imagem ameaçadora de animais predadores e vorazes prontos para abater suas presas/vítimas, no caso garantir o apoio da presidente Dilma Rousseff. Na charge de João Montanaro (17/09/2011) os políticos da base aliada do Governo são representados como “raposas espertas” que simulam apoio à Dilma. A presidente é assediada a deixar de lado os desvios cometidos por algumas pessoas relacionadas ao partido. Sigla e mensagem são propositalmente reiteradas. Para o leitor atento à construção sígnica da charge isso não seria necessário. Entretanto, dado o amplo público leitor que a imagem é propalada foi decisão do enunciador a inserção do texto e a nomeação do partido aliado (PMDB).

Cabe destacar que as charges jornalísticas, assim como outros textos do gênero opinativo, acabam por reforçar a ideia da política como o lugar dos vícios, de pessoas sem escrúpulos, das ambições, da ganância, dos esquemas, das fraudes e da ineficiência da coisa pública. Situações que comprometem o bom funcionamento da democracia e que precisam ser afastadas a todo custo.

A presidente e a corrupção

O ano de 2012 foi marcado pelas alianças políticas nas eleições municipais de, pelo julgamento do “Mensalão”³ no segundo semestre e pela crítica à corrupção de forma geral. Estas tematizações estiveram presentes durante todo o ano nas charges políticas.

³ Neste julgamento, 25 dos 37 réus foram condenados por crimes como formação de quadrilha, corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro, gestão fraudulenta, evasão de divisas e peculato. Diversos políticos conhecidos da alta cúpula petista foram condenados como José Dirceu, José Genoíno e Marcos Valério.

No tocante as eleições municipais de 2012, a aliança do Partido dos Trabalhadores (PT) com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) pautaram ruidosas notícias. O PMDB, que nesta corrida eleitoral angariou o maior número de municípios, aumentou sua expectativa quanto às negociações no Congresso Nacional.

Os partidos integrantes da aliança que ajudaram a eleger Dilma Rousseff em 2010 passaram a reivindicar maior participação nas decisões de governo, na liberação de recursos e aprovação de emendas parlamentares, dentre estas legendas situam-se a latente insatisfação dos representantes do Partido da República (PR) e do Partido Socialista Brasileiro (PSB).



Charge 5: FSP 19/03/2012 – Angeli

Na charge publicada em 19/03/2012 a presidente Dilma Rousseff posa com os aliados. A charge simula ser um retrato fotográfico com a demonstração de afeto – o braço que se estende sobre o ombro da presidente. O enunciador explicita a crítica aos aliados de modo incisivo: as mãos longas e os dedos compridos remetem a corrupção, cinismo retratado no sorriso proposital, os braços cruzados significam que não vai haver aderência ao que a presidente quer, a mão na boca escondendo o riso. A presidente Dilma Rousseff, na centralidade da cena, encontra-se sozinha, apavorada, e presa entre os pares. Novamente o recurso da

empatia é utilizado para que provoque compaixão com a presidente diante desta situação e repulsa aos seus colegas .

O julgamento do “Mensalão” foi o evento político mais complexo e midiático da história do Supremo Tribunal Federal (STF). Iniciado em 02 de agosto de 2012, teve 53 sessões - todas transmitidas ao vivo pela TV Justiça-, e se estendeu, até 17 de dezembro. O julgamento tinha como objetivo esclarecer e julgar o pagamento de propina a parlamentares da base aliada do PT no ano de 2005 que tinha por finalidade aprovar os projetos do governo. As cenas publicizadas na televisão e nos portais de notícias foram captadas nas charges a seu modo.



Charge 6: FSP 30/08/2012 – Angeli

Na charge publicada em 30/8/2012, o enunciador vale-se da ironia para expor o julgamento. Com o título “*Não perca os últimos capítulos desta temporada*” deixa claro ao enunciatário, que não se trata de finalizar o caso, ao contrário. A enunciação é permeada pela metáfora, figura de linguagem que, nesta situação, vai de encontro a outro pensamento comum entre os brasileiros – de que a justiça é morosa e nem sempre eficaz.

O plano de leitura, sua figuratividade, remete o enunciatário ao setor judiciário, e convida-o a passear pelo ambiente jurídico, através da luz empregada, na

figuratividade e pela centralidade da imagem de um juiz, e também destacado pelo emprego das cores. Tal qual uma pessoa flagrada o jurista aparenta estar visivelmente incomodado, talvez por ter sido interpelado no momento em que escreveria mais um capítulo. Há uma página em branco sobre a mesa que corrobora com o título escolhido pelo enunciador. Percebemos que a crítica endereçada abrange o cenário político e o ambiente dos magistrados.



Charge 7: FSP 26/11/2012 – Angeli

No dia 26/11/12 o artista Angeli publicou a charge que remetia a ideia de que a presidente Dilma Rousseff estaria “*dormindo com os inimigos*”. O enunciador apresenta imagem da presidente em seu leito com uma coberta/envolta em ratos. Os ratos representam os políticos corruptos. O cromatismo corrobora com o plano de conteúdo. O contexto é desolador.

Embora a mão da presidente esteja na borda da coberta. Não há possibilidade de ação de sua parte, devidamente identificada em seu leito, em posição não muito confortável para o sono. Afinal, ela cobre-se com ratos. Nem dormindo ela consegue se livrar do universo que a cerca. A charge aponta para o drama da presidente por causa dos políticos e partidos aliados. O contato emocional com o leitor é novamente estabelecido no sentido de proporcionar o sentimento de pavor e agonia diante de tal representação. A presidente sofre a ação/invasão dos ratos até no momento de dormir.

A presidente “arrasada” pelas manifestações de julho



Charge 8: FSP 22/06/2013 – João Montanaro

As manifestações de ruas que eclodiram nos meses de junho e julho de 2013 se proliferaram pelo país e ganharam adesão de milhares de pessoas. O Movimento Passe Livre (MPL) que convocou as primeiras manifestações colocou na pauta da agenda pública a questão da mobilidade urbana e da tarifa zero, isto é, do transporte público e gratuito. O movimento liderado por jovens não discutiu apenas a redução das tarifas do transporte coletivo, mas trouxe consigo diversos temas presentes na agenda política como o combate à corrupção, a melhoria das condições de vida, do acesso aos serviços públicos como saúde e educação de melhor qualidade.

Os grandes centros urbanos foram “parados” pelas manifestações que ganharam proporções enigmáticas para os políticos e analistas de plantão, a ponto de a presidente Dilma Rousseff pronunciar em cadeia nacional um discurso oficial para apaziguar o ânimo dos manifestantes. Acenar com a solução por uma Reforma Política imediata não adiantou muito. Embora, as manifestações diminuíssem bastante até o final do ano de 2013, trouxeram à cena alguns personagens que se destacaram no meio destes protestos como grupo conhecido por depredar o

patrimônio público, os Black Blocks; grupos de mascarados Anonymous, inspirados no filme “V de Vingança” e que já se apresentavam nos movimentos de ocupação pelo mundo, e jovens das classes médias e populares que viram nos protestos uma forma de manifestar a liberdade de expressão diante de tantas insatisfações.

A charge de João Montonaro publicada em 22/06/2013 apresenta pessoas manifestando em uma rua não identificada⁴ compondo as seguintes palavras: *Decifra-me ou te devoro*. Trata-se do desafio da Esfinge de Tebas, enigma que representa as fases do ser humano. A charge transmite um recado para a presidente que não sabe como responder e agir diante da multidão. Dilma está diante de um enigma: O que quer, efetivamente, a multidão? Assim como os políticos tentaram decifrar o enigma dos protestos jornalistas e analistas políticos buscaram compreender o perfil do manifestante, as questões em pauta e qual a vertente ideológica deste novo movimento. A cor verde atribuída aos manifestantes, reporta ao significado já socialmente convencionalizado da esperança.



Charge 9: FSP 21/06/2013 – Jean Galvão

⁴ A charge não sinaliza o local da manifestação, o que pode caracterizar todos os protestos e invocar a memória social. Parte do enunciário pode ser convidado a rememorar outros momentos de manifestações como pelas Diretas-Já que marcaram o período de redemocratização do nosso país.

Já na charge publicada em 21/06/2013, o enunciador vale-se da leitura ocidental – da esquerda para a direita para nos apresentar uma pequena narrativa, em dois planos. A presidente e dois políticos (o prefeito da cidade de São Paulo Fernando Haddad e o Governador do Estado Geraldo Alckmin) são mostrados exibindo bandeiras distintas, cada um com a mensagem de seu partido, apreensivos com a multidão que se aproxima, de passos ritmados, segura do que quer, repleta de cartazes. Em seguida, os políticos ganham destaque ao serem exibidos no chão, pisoteados, sozinhos, largados a própria sorte, apesar dos políticos em questão tentaram “pegar carona” no discurso da democracia e da participação enquanto valores.

O enunciador expressa a sede de mudança dos manifestantes e também dá um recado de uma parcela significativa dos brasileiros: “a população não aceitou o discurso dos governantes⁵, nem a solução apresentada por estes para tratar dos problemas colocados em pauta”. A construção sígnica é clara: a manifestação não vai parar.



Charge 10: FSP 03/07/2013 – Jean Galvão

⁵ Cabe destacar que a jornada de protestos significou mudanças no discurso destes políticos, que passaram, aos poucos, a aceitar as manifestações como uma expressão da participação democrática da população, e amenizar o uso da força policial como forma de repressão. Na prática, a atuação da força policial nos protestos continuou de forma a cercear a cobertura por parte da grande mídia.

A arte de Jean Galvão publicada na Folha no dia 03/07/2013 revela o poder dos manifestantes. Ao representar a cena no interior de seu gabinete presidencial, aponta a fragilidade da presidente Dilma Rousseff que é retratada com a máscara mais utilizada nas manifestações pelo grupo conhecido como Anonymous. Dilma está atônita, com medo, ao ponto de precisar dissimular sua identidade para sair de seu trabalho e não correr o risco de reconhecida pela população, enfurecida, que estaria diante do Palácio da Alvorada.

A atitude seria ingênua uma vez que sua aparência física, frequentemente representada e estereotipada em todas as charges: a vestimenta (blazer social) na cor vermelha, o cabelo volumoso e vermelho a identificam mesmo utilizando a máscara. A presidente está sem saída.

Considerações Finais

Representar elementos da nossa realidade pelo viés da crítica tornam a charge um recurso jornalístico capaz de opinar sobre um determinado acontecimento. Quando tal crítica se faz ao universo da política, ao seu *modus operandi* e ao *ethos* do político contemporâneo devemos pensar como tal cenário foi construído, quais símbolos e valores foram destacados, como cada personagem foi caracterizado, quais estereótipos foram frequentemente utilizados como repertórios para falar sobre a política brasileira.

O presente artigo buscou responder a estas indagações orientando-se por questionamentos próprios do estudo da semiótica, da comunicação e sua interface com as ciências sociais: pensar os signos, os símbolos, seus significados e relaciona-los com nossa cultura e memória coletiva.

A contribuição teórica greimasiana alinhada aos estudos de Lucrecia Ferrara na análise geral das imagens e seus contextos culturais, nos levou a considerar a

narratividade, a figuratividade e a espacialidade e suas categorias (construtibilidade, visualidade e comunicabilidade), para a construção de uma narrativa ou discurso sobre a política e seus políticos. Os imaginários discursivos surgem desta noção, de considerar a imagem e a linguagem como elemento motriz do imaginário que, nas charges, se constitui em suporte não só para a comunicação de um valor social que ultrapassa a dimensão de simples crítica.

A publicação das charges nos jornais tem frequência diária, o uso recorrente de imagens pejorativas, negativas, ridicularizantes, hostis para representar o mundo da política tem um produto/resultado final que assinala um pensamento geral sobre a política do nosso país. Têm-se aí a produção de imaginários.

O imaginário alimenta a memória social tanto do enunciador, quem faz as charges – como do enunciatário, o leitor. Ao tematizar, estereotipar, caricaturar, exagerar e remeter a outros momentos históricos pretende-se reforçar, uma ideia, uma opinião, um sentimento, uma imagem, um discurso já presente na memória coletiva.

No caso da política, são frequentes a desmoralização, o descrédito, a corrupção, as irregularidades, a morosidade, a falta de vontade política e sensibilidade com as mazelas de nossa sociedade.

Em 2011, a presidente Dilma Rousseff foi figurativizada como “faxineira”, dada exoneração de ministros implicados em denúncias de corrupção amplamente midiaticizadas – neste sentido as charges reiteraram a imagem do combate à corrupção e irregularidades, e a retomada da ética (limpeza) na vida política. No ano de 2012, a presidente foi representada ainda “envolta à corrupção”, entre corruptos, aliados e o cenário econômico do momento. O julgamento do “Mensalão” e as alianças do Partido dos Trabalhadores (PT) para as eleições

municipais ocorridas no mesmo ano acabaram por macular a imagem da presidente. No mês de julho de 2013, as charges expuseram a presidente Dilma Rousseff como uma “estadista arrasada” dada as manifestações populares, ocorridas em pontos distintos e expressivos do país, com força contra-mediática capaz de desarticular critérios de governança já adotados.

Todas as charges analisadas apontam para campo político como inoperante. Incapaz de atender as solicitações dos brasileiros. Atuam assim como voz dos enunciatórios, em questão os brasileiros, e também como fonte contra-mediática, que diverge do discurso oficial, que “está tudo bem”. O seu poder de crítica está assim colocado no contrato entre o leitor e o chargista. Cabe destacar, que o objetivo é sempre provocar uma reação do leitor através das imagens, ou, em outras palavras sugerir uma tomada de posição diante do fato exposto.

Toda charge apresenta uma estrutura, um cenário e desenvolvimento de forma ordenada, racional e intencional. O chargista responde por isso. Por outro lado, há que se considerar o controle dos veículos de comunicação que determinam a posição que as charges serão apresentadas valorizando sua leiturabilidade.

A apropriação do mundo da política nunca é imparcial ou neutra. Os políticos aliados quase sempre são os “vilões” da narrativa. A corrupção é sempre relacionada à sujeira, ao lixo, e aos roedores. As representações da presidente Dilma Rousseff a remetem a uma posição de retração e diminuída em relação aos seus pares. Um alvo de fácil ataque. A presidente está sem direção no jogo político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barros, D. L.P. (2005). *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática.
- Castro.G. (2012). *Mídia e Imaginário*. São Paulo: Annablume.
- Durand, G. (2001). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de janeiro: DIEFEL.
- Durand, G. (2002). *As estruturas Antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fiorin, L. J. (2002). *Elementos de análise do Discurso* São Paulo: Contexto.
- Ferrara, L. (2008). *Comunicação, Espaço, Cultura*. São Paulo: Annablume.
- Flôres, O. (2002). *A leitura da Charge*. Canoas: Editora ULBRA.
- Gregolin, M. R. V. (org.) (2000). *Filigranas do discurso: as vozes da história*. Araraquara: FCL/ Laboratório Editorial / UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Melo, J. M. (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- Romualdo, E. C. (2000). *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem.
- Teixeira, L.G.S. (2005). *Sentidos do Humor, trapaças da razão, a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.